

Coleção Teatro Ipanema

1. Hoje é dia de Rock

A SAIR

A China é Azul

As Moças

Diário de um Louco

Jardim das Cerejeiras

Prodígio do Mundo Ocidental

O Arquiteto e o Imperador da Assíria

Foto da capa: ALAIR

© JOSÉ VICENTE

Lia, Editor S.A.

Montenegro, 118, tel. 2/27-6452

Ipanema, Rio de Janeiro, Brasil

José Vicente

29 pgs.

Hoje é Dia de Rock

(Roteiro para um espetáculo em estilo de romance)



Lia, Editor, Rio de Janeiro (GB) 1972

Hoje é dia de Rock de José Vicente estreiou no dia 12 de outubro de 1971 no Teatro Ipanema, à Rua Prudente de Moraes, 824A, Ipanema, Rio de Janeiro, Brasil.

O espetáculo recebeu a direção de Rubens Corrêa, os cenários e os figurinos de Luiz Carlos Ripper, a música de Cecília Conde, a expressão corporal de Klauss Vianna e iluminação de Soares.

Criaram os papéis os atores Rubens Corrêa, PEDRO, FOGUEIRO; Isabel Ribeiro, ADÉLIA; Renato Coutinho, QUINCAS; Isabel Câmara, ROSÁRIO; Nildo Parente, DAVI; Ivan de Albuquerque, VALENTE; Leyla Ribeiro, ISABEL; Thaia Perez, NEUZINHA, MULHER DE QUINCAS; Kacá Versiani, ELVIS PRESLEY; Yvonne Hoffman, ÍNDIA e EFIGÊNIA; Kauss Vianna, SEU GUILHERME.

Participando do coro e das danças, dizendo eventualmente algumas falas ou ajudando com o material de cena os atores: Arthur Silveira, Paulo César Oliveira, Dudu Continentino, Alexandre Lambert.

O espetáculo vem obtendo, desde a estréia, a melhor acolhida da crítica e do público.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1972

PEDRO/ O Pai, sertanejo lírico, forte, velho mas jovial

ADÉLIA/ Sua mulher, a Mãe, forte, nobre.

ROSÁRIO/ Filha mais velha, cega, mística. Ela é o repositório da família. Uma espécie de anjo enigmático, frágil, quase inexistente. Ela está sempre presente na ação, silenciosa.

QUINCAS/ Filho mais velho, aventureiro. Uma espécie de cafajeste iluminado.

DAVI/ Filho do meio, sacerdotal, também muito delicado, herdeiro do sonho do pai.

VALENTE/ Filho mais novo, trágico, solitário.

ISABEL/ Filha mais nova, sonhadeira, vaidosa, confidente de Valente.

SEU GUILHERME/ Músico de banda, bêbado de botequim, amigo de Pedro.

DONA EFIGÊNIA/ Negra amiga de Adélia, freguesa do botequim, vizinha.

ELVIS PRESLEY/ Namorado de Isabel. Mecânico. Tipo "Juventude Transviada".

NEUZINHA/ MULHER DE QUINCAS, aventureira como ele, um pouco pirata, um pouco cigana.

INCA/ Índia nascida nos Andes, vidente.

Primeira Parte

Era uma vez...

(Para ser projetado em gótico de livro infantil velho)

ERA UMA VEZ UM MAESTRO DE BANDA, PEDRO, QUE MORAVA COM SUA MULHER, ADÉLIA, MAIS OS CINCO FILHOS NUM LUGAR CHAMADO MINAS. ELE APRENDEU TEORIA MUSICAL POR CONTA PRÓPRIA ATRAVÉS DO "MÉTOD0 GIANINI", ÚNICO ATÉ ENTÃO CONHECIDO.

TUDO ISSO JÁ FAZ MUITO TEMPO E NEM SE SABE SE MINAS AINDA EXISTE. UM DIA PEDRO OUVIU UMA MÚSICA TÃO EXTRAORDINÁRIA, QUE PARA ESCREVÊ-LA SERIA PRECISO INVENTAR UMA CLAVE DIFERENTE DAS DO "MÉTOD0 GIANINI", TAREFA À QUAL ELE DEDICOU SUA VIDA, COMO SE VERÁ...

(As luzes acendem as partituras, a clarineta, o cavalete, a cadeira)

PEDRO/ Vem que eu te espero... Vem, Vem, meu amor, eu espero teu rosto, espero tua voz. Vem que eu espero tua linguagem, tua palavra que eu chamei de Minas. *(Adélia, sua figura, colorida, acena distante, com uma sombrinha côr de rosa).* Vem... *(Adélia acena).* Adélia. *(A voz de Isabel canta "Viajante viajante").* Adélia. *(Adélia continua acenando.)* É ela que não está me ouvindo ou minha voz que não existe mais? *(Adélia some).*

(Pedro solfeja a música que Isabel canta. A música é solfejada por êle e cantada por ela, do começo ao fim. Silêncio) Mas eu ouvi! Tenho certeza que eu ouvi. E até agora, mesmo nêsse minuto, eu posso descrever como foi. Foi assim *(A voz de Isabel volta a cantar a música).* Eu escutei a música uma vez. Só uma vez. Inteira.

NESSA ÉPOCA ELES MORAVAM NA BEIRA DUMA ESTRADA E TINHAM UMA VENDA, POR ONDE PASSAVA UMA JARDINEIRA, DE SEMANA EM SEMANA, LEVANDO NÃO SE SABE PRA ONDE UMA GENTE MAGRA, SUJA DE UMA TERRA VERMELHA, E QUE ESTAVA INDO-SE EMBORA. ADÉLIA, QUE ERA QUEM CUIDAVA DOS NEGÓCIOS, OLHAVA DO BALCÃO DA VENDA ÊSSES RETIRANTES SILENCIOSOS E JURAVA QUE UM DIA IA VENDER TUDO: ATÉ OS ALQUEIRES DE TERRA, ONDE SÓ EXISTIA PEDRA; E QUE IA JUNTAR A MUDANÇA E OS FILHOS E SEGUIR PELA ESTRADA COM ELES ATÉ UM LUGAR ONDE TIVESSE FUTURO.

Primeira visão de Pedro (narrada)

PEDRO/ Eu fazia fogos de artifício nas festas da cidade. O nome da cidade era Ventania e era numas montanhas de Minas, numas montanhas de pedras brancas. Só tinha pedras. Eu fazia castelos, roda de fogo, foguetes. Eles me chamavam de Pedro Fogueteiro. Eu demorava um dia, de casa até Ventania. Eu ia a pé carregando meus castelos. Um dia, quando o sol ainda estava para nascer, no fim da madrugada, e que eu estava subindo a primeira montanha, — o nome da montanha era Penteado —, então eu ouvi um cântico cantando. Era um cântico e era um som que eu nunca tinha ouvido em tôda a minha vida um outro parecido. Que eu não sabia se... se eram eles que tinham chegado, os estrangeiros... era um som de metal. Um cântico de metal. Sem ritmo. Como se fôsse uma máquina invisível. Então eu olhei de lado, na estrada, e eu vi uma plantação de arroz, de um amarelo esverdeado, um brilho de ouro, e parece que os estrangeiros cantavam lá de dentro, escondidos. Foi aí que eu vi uma mulher, uma índia, com a cara pintada de ouro, um vestido de cetim roxo, e ela estava com ramos de arroz no braço. Então eu vi que a música nascia dela. Em cântico. Como se tivesse um instrumento. E ela cantou até o sol nascer. Quando o sol nasceu ficou tudo em silêncio e ela foi -se embora.

QUINCAS, O FILHO MAIS VELHO, TINHA SE CASADO COM A PRIMA NEUZINHA, DESCENDENTE DE CIGANOS, E OS DOIS JÁ TINHAM IDO EMBORA DE MINAS PARA A CIDADE; ENTÃO ADÉLIA VENDEU TUDO PRO PRIMEIRO COMPRADOR QUE APARECEU, ESCREVEU UMA CARTA PARA QUINCAS E

A JARDINEIRA LEVOU A CARTA. NA CARTA ELA DAVA AUTORIZAÇÃO PARA ALUGAR UMA CASA NA CIDADE, QUE ELES ESTAVAM INDO DE MUDANÇA.

A mudança

(Adélia está de camisola para dormir. Uma camisola de cetim. Pedro toca a flauta)

ADÉLIA/ Amanhã o caminhão vem e carrega a mudança.

PEDRO/ Vocês vão, eu fico.

ADÉLIA/ Fica onde? Não tem mais um palmo de terra, homem. *(Silêncio)*. Chegou a hora de ir embora. Nós botamos cinco filhos no mundo e agora tem que sair futuro para eles.

PEDRO/ Eu estou quase... estou chegando... Já escuto as notas dentro de minha cabeça...

ADÉLIA/ Você já está ficando é lélé da cuca, isso sim! E você vai levar os meninos, e até eu, se eu não tomar cuidado, até eu acabo ficando maluca com essa tua mania de música.

PEDRO/ Se eu sair daqui eu perco minhas notas...

ADÉLIA/ A gente não come notas, Pedro!

PEDRO/ Então faz assim: vocês vão na frente, depois eu vou. Os meninos precisam de aprender, eu não.

ADÉLIA/ Não vamos para aprender. Vamos para viver.

PEDRO/ Viver para mim é aqui.

ADÉLIA/ Estou cansada de ser realista sôzinha! Se você não vai, então ninguém vai! Você vai ficar tocando essas músicas que só existem dentro da tua cabeça e nós vamos ficar te ouvindo, nós todos até todo mundo virar pedra! Pode começar a tocar. *(Silêncio)*. Cadê música, anda, cadê? Toca. *(Pausa)*. Minas morreu. Acabou. Nem mar não tinha. Nós é que estamos vivos!

PEDRO/ E nós vamos fazer o que fora daqui?

ADÉLIA/ Viver como gente vive.

PEDRO/ Quer dizer que acabou mesmo? *(Pausa)*. Quer dizer que Minas acabou? *(Pausa)* Quer dizer que amanhã a gente vai-se embora e nunca mais volta?

ADÉLIA/ Não temos mais nem um palmo de terra. O que tem é a estrada.

PEDRO/ E a minha clave? Eu não vou terminar a minha clave? Como é que eu posso sair daqui sem concluir a minha clave? *(Pausa)*.

ADÉLIA/ Minas morreu. Acabou. Tem os cinco. Tem a estrada. O que tem é a estrada.

(PEDRO PERDE A MEMÓRIA)

ÍNDIA/ Prá que teu ouvido não escute. Teu olho não veja. Tua bôca não fale. Teu nariz não cheire. Tua mão não apalpe, mais, Minas vai virar lenda. E não vai ter nem dor... Nem lembrança mais... Até que apague esse tempo. E um nôvo tempo venha.

(Ele sopra os óculos, as partituras, depois a clarineta e não há nenhum som, mas poeira. Da poeira a voz de Isabel cantando "Viajante viajante")

O NOME DA CIDADE ERA FRONTEIRA E FICAVA ENTRE MINAS E O LADO DE FORA. TINHA UMA IGREJA COM PÁ-ROCO. TINHA UMA PRAÇA COM JARDIM. TINHA UM CINEMA ONDE PASSAVA FILME DA METRO, COM CARTAZ NA PORTA. E TINHA UM RIO.

O Imperador Azteca

ISABEL/ *(Cantando)*

"Viajante, viajante

Donde é que você vem?

Viajante, viajante

Aonde é que você vai?

Viajante viajante

Leva eu prá viajar"

(Isabel pinta os lábios com amora e Valente penteia os cabelos dela)

VALENTE/ Tem um rio que entra dentro da cidade e os meninos tomam banho lá. Teve até um menino que passou dentro duma canoa e me convidou para encontrar com êle de noite atrás da Igreja.

ISABEL/ Mas é pecado, fique sabendo.

VALENTE/ Pecado mortal ou venial?

ISABEL/ Pecado mortal a gente vai direto pro inferno... Sem passar peio purgatório.

VALENTE/ Bobagem. Invenção. Não acredito numa vírgula.

ISABEL/ Então sorte a tua...

VALENTE/ É sorte a minha... *(Ela se levanta)* E tem gente pobre, que nem parece gente... Jogam cocô dentro do rio, depois vão lá e tomam banho e lavam a roupa lá.

ISABEL/ Vou sair, vou na praça, vou arranjar um namorado, me casar e fim.

VALENTE/ Você me acha caipira?

ISABEL/ Eu sou caipira e não ligo a mínima.

VALENTE/ Eu detesto gente caipira. Caipirismo é uma coisa que eu detesto.

ISABEL/ O que é que você pensa que nós somos? Nós somos índios. Quem nasceu no meio de pedra e mato é índio. É isso que nós somos, índios.

VALENTE/ Mas eu era um Imperador Azteca.

Rosário

ROSÁRIO/ Sabe o que eu gostava de Minas, papai? De ir na procissão de "Corpus Christi". Lembra da procissão de "Corpus Christi"? Que as pessoas colocavam toalha do lado de fora da janela, enfeitava a rua com fôlhas, e a gente

ia andando em cima das fôlhas... Era fôlhas ou era flor, papai?

PEDRO/ Fôlha.

ROSÁRIO/ Mas tinha flor também, não tinha?

PEDRO/ Tinha.

(Longo silêncio entre os dois. Ele solfeja uma música na clarineta)

ROSÁRIO/ A mamãe foi na igreja falar com o padre. Pro senhor tocar na banda e fazer foguete aqui também.

PEDRO/ Busca um copo d'água prá mim, busca.

(Rosário sai, apalpando as coisas. Ele continua tocando a clarineta. Depois se levanta, encena-se como maestro de banda de interior dirigindô uma marcha, a música que Isabel canta. Rosário volta com o copo d'água)

ROSÁRIO/ Papai, mamãe me mandou tomar conta do oratório, onde é que eu guardo?

PEDRO/ Eu também não sei.

ROSÁRIO/ A vela tá acesa, papai?

PEDRO/ Apagada.

ROSÁRIO/ Mamãe disse que tinha que ficar acesa.

PEDRO/ Então acende. *(Enquanto Rosário acende a vela do oratório)*. Sabe que eu esqueci completamente a minha clave? Eu já tinha achado até o nome. Ia se chamar "A Clave de cinco notas". Também não fazia sentido. Mas tinha um momento que era claro. Eu relacionava com vocês cinco, depois relacionava com os cinco sentidos, depois eu contava o número de letras de Minas, e dava cinco. Depois não fazia sentido de nôvo. Daí também eu me perguntei prá que, prá que? Prá que? Bobagem. Ou não? Mas não era nem para mostrar. No fundo no fundo não era nem prá mostrar. Ou era? Então prá que? Ainda bem que eu esqueci. Esqueci completamente. É como se as notas tivessem pousado aqui, as cinco, na clarineta, e de repente... sss... tivessem voado...

Davi vai para o seminário

(A família está reunida)

ADÉLIA/ A banda já tem maestro. Mas você pode tocar como músico. É no "Método Gianini" mesmo.

PEDRO/ E quando começa?

ADÉLIA/ Quando você quiser.

PEDRO/ E toca tôda semana?

ADÉLIA/ Aos domingos, na praça, nas festas, procissão, essas coisas.

PEDRO/ Então eu tenho que trocar a palheta da clarineta, porque a que eu tinha trincou.

ADÉLIA/ Só que não pagam nada.

PEDRO/ Então como é que faz?

ADÉLIA/ Fogos eles pagam.

PEDRO/ Então eu faço os fogos.

ADÉLIA/ E tem os ensaios.

PEDRO/ E ensaia quantas vêzes por semana?

ADÉLIA/ Também não perguntei tudo. Tem que falar com seu Guilherme, que cuida disso.

ADÉLIA/ O Davi vai para o seminário.

ISABEL/ O Davi vai pro seminário!

NEUZINHA/ Mas vai como?

ADÉLIA/ Uma zeladora arrumou para eu ir através da "Ordem das vocações sacerdotais". Eles dão enxoval, pagam os estudos, dão até batina. Contanto que o menino dedique a vida a Deus.

PEDRO/ Então quem decide não é nem você nem a "Ordem das Vocações". Quem decide é ele.

ISABEL/ É preciso ter vocação, mãe.

ADÉLIA/ Isso êle descobre depois.

ISABEL/ A senhora ficou louca, mãe?!

ADÉLIA/ Lá êle estuda, aprende. E se não tem vocação sai preparado.

ISABEL/ Coitado, mãe... êle não quer ir... (*Êles olham para Davi*)

ADÉLIA/ Mas você não disse lá na sacristia que tinha vocação, Davi? Então porque que disse?

DAVI/ Mas lá na igreja eu queria...

ADÉLIA/ E lá na igreja queria e aqui agora não quer mais?

DAVI/ Lá na igreja era por causa do incenso, dos paramentos, do altar de mármore... Por causa do côro cantando, por causa do turíbulo. Lá na igreja eu queria. Depois, na rua, eu já não queria. Depois eu queria de novo. Porque eu pensei: se eu fôr ser padre não posso me casar. E se eu não me casar eu não posso ter filhos.

QUINCAS/ Padre não casa, ô porra! Se é padre é padre!

DAVI/ Então como é que eu faço?

NEUZINHA/ Êsse menino também não sabe o que quer!

ADÉLIA/ Então faça-me o favor de não dizer prá ninguém lá no seminário está entendendo? Faça-me o favor de não dizer prá ninguém lá que você tem vocação e ao mesmo tempo quer ter filhos, porque êles não estão preparados prá entender êsse tipo de raciocínio!

Neuzinha

(*Neuzinha retira um vestido de cigana das coisas perdidas entre a mudança e se veste com êle. Quincas joga cartas.*)

NEUZINHA/ Eu fazia o papel duma cigana.

QUINCAS/ Vai contar essa estória prá outro, irmãzinha!

NEUZINHA/ Você não acredita? Eu fazia o papel duma cigana. E eu entrei tanto dentro do personagem que o sangue mudou. Adquiri alma de cigana. Por isso eu não sei ficar parada muito tempo no mesmo lugar. Me dá aflição.

QUINCAS/ Calma, irmãzinha, calma...

NEUZINHA/ Ficar nesa calma também não dá. Já tive uma idéia prá colocar todo mundo. Eu sei de um bar numa rua asfaltada, perto de um pôsto de gasolina Shell. É um sonho.

QUINCAS/ E daí?

NEUZINHA/ E daí que a gente junta todo o dinheiro que deu da venda das terras e compra o boteco.

QUINCAS/ E o boteco está à venda?

NEUZINHA/ Vai-se lá e faz-se a oferta, pôrra!

QUINCAS/ Calma, irmãzinha... Senta aqui no meu colo, senta (*Ela senta-se no colo dêle*) Então você virou cigana, irmã?

NEUZINHA/ O mundo tem cinco continentes... Cinco! E eu não vou morrer sem ter conhecido os cinco... (*Êle fica em silêncio*) Não pensa muito em dinheiro, irmão.

QUINCAS/ Eu não estou pensando em dinheiro.

NEUZINHA/ Eu sei quando você está pensando em dinheiro.

QUINCAS/ Olha que não sabe!

NEUZINHA/ Olha que eu sei...

QUINCAS/ Olha que não sabe...

NEUZINHA/ Olha que eu sei...

QUINCAS/ Não sabe...

NEUZINHA/ Sei. (*Êle empurra-a fora do colo*).

QUINCAS/ Eu não estou pensando em dinheiro. (*Ela olha prá êle, feminina*).

NEUZINHA/ Podes crer. Tá no sangue, irmão.

QUINCAS/ Cigana... E cadê as tatuagens?

NEUZINHA/ É desde quando cigana tem tatuagem?

QUINCAS/ Grande, irmã! Um boteco! Gênio!

NEUZINHA/ O que não pode é ficar. Ficar é apodrecer. Ficou, apodreceu.

Isabel e Valente

(Adélia entra com duas cestas)

ADÉLIA/ A partir de amanhã eu não quero ninguém parado. O Pedro vai fazer foguete de dia e ensaiar na banda de noite. Davi vai para o seminário estudar, Rosário vai rezar dobrado e vocês, eu vou fazer pé de moleque e vocês vão vender na rua.

ISABEL/ Pé de moleque, mãe?

ADÉLIA/ Pé de moleque sim, menina! E tira êsse batom horroroso da boca que você não tem idade prá usar batom!

ISABEL/ Mas não é batom, mãe, é amora. A senhora não está vendo que é amora?

VALENTE/ Para mim é a morte!

ADÉLIA/ A morte ou não amanhã eu quero os dois no batede. Se eu deixar por conta de vocês todo mundo morre de fome. *(Ela sai)*.

VALENTE/ O Davi vai pro seminário amanhã e eu vou daqui a um mês.

ISABEL/ Se você fôr pro seminário ser padre eu vou pro convento ser "fleira".

VALENTE/ Não é "fleira" que se diz, é "freira". Freira!

ISABEL/ Se eu me suicidar você suicida comigo?

VALENTE/ Nesse minuto. No rio *(Ela se levanta)*.

ISABEL/ No rio onde jogam cocô?

VALENTE/ Assim morro na merda já duma vez...

ISABEL/ Também não exagera!

VALENTE/ Nunca ninguém no mundo vai acreditar que eu tenho vocação!

ISABEL/ Claro que você não tem vocação! Lógico!

VALENTE/ Lógico porque? E eu não posso ter vocação? Você sabe o que significa ter vocação? Pois escuta: ter vocação, sua idiota, não depende de você! Você é chamado. Você

que é chamado. E você pode ser até um demônio, que você é chamado, não depende! "Veni, sequere me". Foi o que Jesus Cristo disse. Eu li num livrinho em Latim, na igreja, domingo. *(Pausa)* Quer que eu leia tua mão? *(Pega na mão de Isabel)* Tem muita linha.

ISABEL/ Me diz só uma coisa: quantos anos que eu vou viver?

VALENTE/ Dez mil anos luz.

ISABEL/ Dez mil anos luz?

VALENTE/ Agora o lado sentimental.

ISABEL/ Diz.

VALENTE/ Você vai casar!

ISABEL/ Com quem? Diz com quem?

VALENTE/ Claro que não diz com quem! Só diz que você vai se casar.

ISABEL/ E vou ter filhos?

VALENTE/ Não sei ler mão *(Solta a mão de Isabel)*

ISABEL/ Se você não sabe ler prá que se mete?

VALENTE/ Lê a minha.

ISABEL/ Eu não sei. Eu não entendo nada disso.

VALENTE/ Você não tem imaginação? Inventa.

ISABEL/ *(Olhando as mãos dele)* Você tem as mãos finas... Você tem as mãos de um imperador Azteca!

VALENTE/ Quem dera! Tudo que eu queria na vida. Ter nascido um Inca.

ISABEL/ Mas não era Azteca?

VALENTE/ Inca.

ISABEL/ Como você joga alto!

VALENTE/ Eu só joga alto. *(Deita no colo dela)* Ah! Isabel!

ISABEL/ Conforma comigo...

VALENTE/ Vamos fugir...

ISABEL/ Fugir pra onde menino?

VALENTE/ Tem milhares de cidades... Ilhas... Depois tem povos e cada povo fala uma língua diferente... Depois tem cinco continentes... Depois tem mares... Depois tem milhões de países... Depois tem milhares de estrêlas, planetas... Depois tem...

ISABEL/ Pára! Você me enlouquece!

VALENTE/ Eu não me conformo!

ISABEL/ Não tem nada demais vender pé-de-moleque na rua! Não tem nada demais.

VALENTE/ Para um imperador tem!

ISABEL/ Imperador...

(A índia aparece para êles, cantando uma música enigmática)

INDIA/ Eu conheço vocês de Minas...

ISABEL/ Quem é ela?

INDIA/ Eu quero falar com sua mãe.

(Isabel vai chamar Adélia)

INDIA/ *(Para Valente)* Como é o seu nome?

VALENTE/ Valente. Esse colar é Azteca?

INDIA/ Inca. *(Ela tira o colar e coloca em Valente. Depois, come arroz que Adélia lhe dá. Come em silêncio, com a mão.)* São cinco?

ADÉLIA/ São cinco.

INDIA/ Coloca cinco passarinhos dentro duma gaiola, fecha e me traz. Eu quero ver o vôo deles.

ADÉLIA/ O vôo?

INDIA/ O vôo...

Carta de Davi

(Davi escreve uma carta do convento e Quincas lê a carta para a família)

QUINCAS/ *(Lendo)* Minha batina é branca, de linho. Eu uso a batina para ir nas procissões, fora, e para ajudar a missa. Já sei falar latim: "Introibo ad altare Dei, de Deum qui lactificat juventutem meam."

ISABEL/ Quer dizer que êle já é padre?

ADÉLIA/ Claro que não. Êle é seminarista.

ISABEL/ Mas já usa batina!

ADÉLIA/ Acaba de ler primeiro, depois conversa.

QUINCAS/ *(Continuando)* Para ser padre é preciso estudar 14 anos. Estuda 4 de ginásio, 3 de clássico, 3 de filosofia e 4 de teologia. Aos domingos eu saio pra fazer apostolado. Eu vou com mais 2 seminaristas, que são gêmeos, e cantamos a missa numa igreja dum bairro aqui perto. Depois que acaba a missa as crianças ficam e nós damos catecismo. Aí os dois gêmeos acabam de dar catecismo para um grupo de crianças e depois sai pra brincar de pique na praça. Enquanto êles ficam correndo e gritando, eu ensino sobre História pro meu grupo. História das invasões, lendas, os olhos das crianças brilham com lendas. Eu conto, por exemplo, sobre a Esfinge. Que a Esfinge ficava no meio da estrada e dizia pras pessoas: "Decifra-me ou devoro-te". Se não advinhassem o enigma eram devorados. E o enigma era simples: qual o animal que tem quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três ao entardecer? As crianças vibram com a História!

QUINCAS/ Esse cara não dá padre...

NEUZINHA/ Mas é tão antigo ser padre! Só na família de vocês que ainda tem isso...

ISABEL/ Antigo eu também acho. O Davi é lindo, vai virar padre? Eu implico.

ROSÁRIO/ Mas se êle tem vocação deixa, gente...

VALENTE/ E como é que sabe que tem vocação?

ISABEL/ Prá ter vocação é preciso ser santo.

QUINCAS/ Não bota santo no meio.

ISABEL/ O Davi é santo.

QUINCAS/ Santo a gente guarda, com velinha acesa, flor e etcetera, mas deixa lá, guardado, sem ficar mostrando pra todo mundo.

ISABEL/ Não concordo. Eu acho que tem que mostrar sim.

VALENTE/ Eu sou santo.

ISABEL/ Nem tanto.

VALENTE/ E eu não posso ser santo? Porque eu, não posso ser santo?

ISABEL/ Se você fôr santo eu posso ir para o altar direta.

VALENTE/ Um dia eu vou te mostrar que eu sou santo.

ISABEL/ Um dia eu também posso te mostrar.

QUINCAS/ Que santo, ser santo também não é assim, ô porra!

VALENTE/ E ser santo como é então?

PEDRO/ Acabou a carta? É só isso?

QUINCAS/ Ainda tem.

PEDRO/ Então continua.

QUINCAS/ *(Continuando a carta)* Eu não vou ser padre. Um dia eu saio. Tem um cheiro de incenso, com missas vespertinas, sol nos vitrais amarelos da capela, côro e órgão, missas em latim, liturgia, e de tarde tem canto gregoriano. Ensaio. Tem sol, tem esporte. Um dia no catecismo uma menina me perguntou: "Padre, se Deus é onipotente, então porque êle não vence a serpente?". Eu não entendo nada disso. Mas eu aprendo e ensino Satã nos livros de catecismo. Em latim e com canto orfeônico no fundo. Prego Satã em officios religiosos, solene. E divulgo Satã entre as crianças pobres, desde sua origem como serpente até com a coroa sôbre a cabeça de Jesus Cristo na cruz. E a minha adolescência? A minha

natureza é sacerdotal, mas a minha palavra não é mais. Tudo que eu quero é a minha adolescência. Eu quero a minha adolescência, mesmo sabendo que nem tudo que passa do lado de fora desta batina branca, nem tudo é o sagrado, o que é contra a minha vontade e minha natureza. Minhas mãos são litúrgicas, meus braços são litúrgicos e até minha cabeça é litúrgica. Mas meu coração não consegue deixar de ser humano.

O Botequim

(Pedro lava os pés numa bacia. Adélia, vestida com camisola de cetim, como na cena da mudança)

ADÉLIA/ Não é tão botequim assim. Tem mesa pra sentar, tem um rádio pra escutar música, tem sorveteria e tem um balcão todo de mármore. E é uma rua asfaltada. E tem casa pra morar, junto.

PEDRO/ Então vai custar muito caro.

ADÉLIA/ As terras. *(Longo silêncio)*

PEDRO/ Eu cheguei no fim da viagem. Fiquei velho.

ADÉLIA/ Que chegou no fim da viagem o quê, homem! Você é muito desanimado.

PEDRO/ Eu cheguei no fim da viagem. Eu sei.

ADÉLIA/ Eu vou cuidar do bar, eu. Os meninos ajudam, depois da escola. Eu sei lidar com freguês. Você continua na banda, agora que já compram "Fogos Caramuru".

PEDRO/ "Fogos Caramuru" *(Longo silêncio)*. Lembra que meu irmão falava que ia inventar o "Moto Contínuo"? O "Moto Contínuo" era a máquina, que não precisava de impulso... Êle foi morar sôzinho numa casa que êle mesmo construiu no meio do sertão e passou a vida procurando a fórmula do "Moto Contínuo".

ADÉLIA/ Até que ficou louco. Tua família é uma família de gente biruta.

PEDRO/ Os meninos estão dormindo?

ADÉLIA/ Estão.

PEDRO/ Eles estão estudando?

ADÉLIA/ Estão.

PEDRO/ O Valente?

ADÉLIA/ O Valente e a Isabel estão no ginásio.

PEDRO/ O Quincas?

ADÉLIA/ O Quincas acha que é perda de tempo estudar. Não quer morar nesta cidade, diz que tem que ir pro centro, pra capital, cidade é lá. A mulher dêle é que fica botando essas idéias na cabeça. É uma com sangue de cigana, quer conhecer tudo, não mede nada o que faz.

PEDRO/ Quer dizer que ficamos?

ADÉLIA/ E você tava pensando em voltar? Voltar pra onde? Não tem mais nada atrás. Minas morreu. Virou lenda. Nós é que estamos vivos.

A Desistência

(Pedro toca na clarineta. Depois êle fecha as partituras, guarda, folheia o "Método Gianini" e guarda. Depois dá a clarineta a Rosário).

PEDRO/ Guarda em algum lugar.

ROSÁRIO/ Não vai tocar mais? *(Silêncio)* Então vai ficar aqui. Dentro do oratório. O dia que o senhor resolver, me pede. *(Rosário guarda a clarineta).*

As Gaivotas

PEDRO/ Daí veio uma gaivota, lembra? Era uma gaivota verde e rosa, nunca me esqueço. Verde e rosa, o céu é azul em cima, a água de prata, brilhando, eu e você dentro da canoa, você vestida de noiva, segurando um feixe de margaridas do campo. Aí a gaivota verde e rosa sumiu e daí você disse: vem vindo mais, vem vindo mais... Aí eu olhei

e vi uma, duas, três, quatro, cinco. Elas vinham voando no mesmo ritmo, acompanhando nossa canoa. Então você me disse: elas são douradas, olha. Eu prestei atenção e vi que elas eram douradas. Eram ouro puro, voando, no mesmo ritmo, acompanhando nossas cabeças. Tinha uma rocha parada no meio da água e detrás da rocha vinha um côro indígena.

O Vôo

(A gaiola com os cinco pássaros. O oratório. Velas acesas. Um copo d'água. A Índia e Adélia)

ÍNDIA/ Em Minas eu vi teus pássaros. Eles saíram do sertão prá estrada e eu vim seguindo atrás da mudança. *(Ela pega o copo e coloca-o ritualisticamente no chão)* Tem alguma coisa que eu posso te ensinar a respeito de tuas crias?

ADÉLIA/ Vê o futuro dêles.

ÍNDIA/ Quem nasceu pra voar, voe no rumo do céu. Quem nasceu pra cantar, cante. *(Ela olha dentro do copo)*. Teus pássaros viajam voando no espaço estreito da América, contra sertões, procurando ar, côr, luz, flor, pão. Teus pássaros viajam ao redor da máquina, contra a máquina, antes da máquina e depois. Vê se consegue ver. Olha dentro da água. *(Adélia olha dentro do copo)*. Tem um rio, a canoa que vai, e êles voando. E tem a máquina. Você consegue ver a máquina? Ela tem a côr e o som do sangue.

ADÉLIA/ Eu só vejo a minha figura. Tem um verde atrás da figura. Só isso.

ÍNDIA/ Êles vão embora.

ADÉLIA/ Prá capital. Êles vão embora prá capital.

ÍNDIA/ Na estrada da capital tem um príncipe da côr da serpente e na mão direita êle segura um punhal e na mão esquerda êle segura um cálice. A cidade brilha como o metal e acena com luzes, espelhos e cimento. Ela tem o cheiro da máquina e é a máquina por dentro e por fora, com garras e dentes.

ADÉLIA/ Êles voam na direção da cidade?

INDIA/ Dentro da cidade a memória vai ser retirada e no rosto de cada imagem só vai ficar o esquecimento. *(Ela desaparece, enquanto Adélia continua olhando dentro do copo)*. Tem algum pedido seu que eu posso atender?

ADÉLIA/ *(Olhando dentro do copo e falando para os pássaros na gaiola)*. Era sertão. Era outra coisa. Outra vida. Tinha inocência. Inocência tinha. Não tinha malícia. Medo tinha. Não tinha ninguém perto. Com quem conversar. Era tudo longe. Não tinha luz elétrica. De noite era luz de lamparina. Usava querosene. Água tinha que buscar longe, na bica. Prá eles fazerem a primeira comunhão nem sapato tinha. Foram descalços do sertão até Ventania. Espaço tinha. Tinha grama, tinha campo, mato, fruta, gabirola, amora, tinha flor, leite, mel. Mas não sabiam nem assinar o nome. Eu peguei na mão de um por um e eles escreveram o a-e-i-o-u. O alfabeto e o nome. Não tinha informação. Não tinha médico, não tinha dentista, não tinha hospital. Era triste. Pra viver era triste. Era bonito. Ouvindo falar assim é bonito. Mas não tinha o mínimo humano. Tinha que ir embora.

(A Índia volta, vestida com a cor da serpente, um punhal na mão direita e um cálice na mão esquerda).

INDIA/ Atrás do vôo não ficou nem sinal. Na frente do vôo tem o céu, astros, signos, sol.

(Ela retira um passarinho de dentro da gaiola e coloca-o na borda do cálice o punhal no pescoço).

INDIA/ Não me pergunta com palavra o que eu não sei responder com palavra.

ADÉLIA/ Qual a minha parte neste sacrifício?

INDIA/ O sangue já foi derramado por todos e o teu em cinco partes.

ADÉLIA/ No preço de cada um eu contei um reino, de Minas pela estrada. E o reino começava aqui neste mundo. Eu joguei Minas pra fora. Do coração e da boca. Um céu aberto em cima das asas, em cima de nossas cabeças, com as estrelas de Deus brilhando. Eu também escutava esta Beleza com

todos os olhos abertos. Mas eu tinha que segurar o reino na mão, feito de terra. Essa foi a única escola que eu aprendi e que ensinava. A Fé começava com a terra debaixo do pé, com a terra segurada na mão, tinha que começar pela terra.

(A Índia guarda o punhal, e solta o pássaro).

INDIA/ Uma porta abre no céu. Sobem e descem os anjos. Em prata, ouro, asa. Quem vem pela porta é o viajante. Que esperou como lenda. E silêncio. Até que esta hora chegasse. Abra a mão, olho, olhos, diz "Vai", sem medo, desata, solta. Dos ossos, voz, grito. Do sertão, seca e Dor, do acumulado de tanta solidão desarma de toda arma. Um tempo nôvo cai começar. *(Cerimônia do vôo dos pássaros)*.

Segunda Parte

A CENA SUGERE, REVIVE, RECRIA, RECORDA, JOGA FORA 1956, ANO DA JUVENTUDE TRANSVIADA, INTERIOR, COM LAMBRETTA, COCA-COLA, SONHOS IMPOSSÍVEIS, FUGAS DE CASA, TARDDES DESESPERADAS, JAMES DEAN, LITTLE RICHARD E ELVIS PRESLEY, CINZANO, JESUS CRISTO, PARTIDAS, TRANSIÇÃO, AVENTURA.
A FAMÍLIA POSSUI UM BOTEQUIM, NUMA RUA ASFALTADA, PERTO DE UM POSTO DE GASOLINA SHELL.

(A voz de Little Richards abre o segundo movimento com "Lucille". Valente faz tranças no cabelo de Isabel. Ela faz as unhas com esmalte. Rosário está do outro lado do balcão. O oratório está junto com as garrafas na prateleira. Isabel e Valente estão sentados numa das mesas do botequim. Seu Guilherme dorme numa das mesas. E depois que termina a música, vinda de um rádio velho:)

ISABEL/ Elvis em segundo, Little Richard em primeiro eu acho uma injustiça. *(Valente canta "Bye Bye Love")*. Vou escrever uma carta para o Jair de Taumaturgo protestando.

VALENTE/ Acho isso tudo pobre.

ISABEL/ Porque você tem mania de rei, de imperador, de príncipe *(Isabel retira uma fotografia de Elvis do seio)*. "Love me tender, love me sweet and never let me go". Você pode pensar o que quiser, o Elvis é que é o Rei.

VALENTE/ Então me diz, em inglês, os nomes dos filmes que o Elvis fez.

ISABEL/ E eu sei?

VALENTE/ Pois eu sei.

ISABEL/ Então diz você, ora...

(Valente cita os nomes dos filmes de Elvis Presley).

ISABEL/ O único nome de filme que eu sei em inglês é "Rebel Without Cause", com o James Dean e o Sal Mineo.

VALENTE/ Sabe que você não vai me ver nunca mais?

ISABEL/ Por que? Você vai morrer por acaso?

VALENTE/ Eu vou sumir. Vou encontrar um disco voador, vou entrar dentro dele e vou sumir.

ISABEL/ Então me leva junto que eu também quero sumir.

VALENTE/ Olha, teu cabelo tá sujo de caspa. Você não lavou com shampoo.

ISABEL/ Lavei com shampoo sim idiota! Imagina se eu vou lavar o meu cabelo com esse sabonete todo cheio de ácidos, que matam a raiz!

VALENTE/ Você não lavou com shampoo porque eu usei o resto do shampoo que tinha num vidro amarelo e não vai me dizer que você comprou outro porque eu peguei a nota de mil que tinha na gaveta do bar, prá juntar pro cinema. *(Canta "Bye Bye Love")*.

ISABEL/ Você pensa que eu não te conheço?

VALENTE/ Então fala tudo que você sabe a meu respeito.

ISABEL/ *(Retira com glamour um maço de cigarros longos da perna)*. Tudo que eu queria na vida era casar com o Elvis Presley. Num sábado de tarde. Hoje. Agora. Ele saía de dentro do rádio, em carne e osso, e eu me casava com ele.

VALENTE/ Sabe com quem você parece? Você parece com a Natalie Wood. *(Isabel suspira. Valente conta os passos do botequim de ponta a ponta)*. Já cansei de ver escrito no espelho "Beba Coca-cola". Vou pentear o meu cabelo na frente do espelho e tem que estar escrito lá "Beba Coca-cola". Eu conheço milímetro por milímetro desse boteco, dia por dia da semana. De segunda a sábado. Eu já sei de tudo que vai acontecer. Sábado de tarde tem "Hoje é dia de Rock", pela Mairynk Veiga. Domingo tem missa e o bar fecha e tem matinê. Segunda tem aula. Terça tem aula, eu

acho igual. Segunda e terça prá mim é igual. Quarta tem o que? Igual também. Quinta tem mudança de programa no cinema e entra um filme novo. Quinta eu gosto. É o único dia que eu gosto. Sexta eu gosto por causa do sábado.

ISABEL/ Prá você é assim. Prá você. Prá mim é tudo diferente. Prá mim qualquer hora pode acontecer uma coisa e mudar tudo. *(Valente abre os braços em forma de cruz e dá um grande suspiro)*. Sabe com quem você se parece? Você se parece com Sal Mineo.

VALENTE/ Eu pareço com Jesus Cristo.

ISABEL/ Com Jesus Cristo pareço eu.

VALENTE/ Jesus Cristo não é mulher.

ISABEL/ Nem homem. *(Pausa)*.

VALENTE/ Meu problema é muito mais sério do que você pensa.

ISABEL/ Então conta para eu ver se é tão sério assim.

VALENTE/ Meu problema é que não nasci um imperador Azteca. *(Isabel joga fumaça na cara dele)*. Pára de jogar fumaça na minha cara!

ISABEL/ Você é esquisito *(Aponta Rosário)*. Ela é esquisita. Aqui nesta casa todo mundo é esquisito. Papai é esquisito, com essas músicas dele. Mamãe é esquisita, trabalhando, trabalhando, como se a gente fôsse morrer de fome...

VALENTE/ E a gente não pode morrer de fome.

ISABEL/ Não. Nós somos uma família que veio de Marte! *(Valente emite sons espaciais e encena com o corpo e os braços)*. Nesta casa só eu que sou normal. Porque eu tenho um namorado, o Teco, que é um mecânico lindo, e tem uma moto lindíssima. Porque eu gosto de fazer minhas unhas, gosto de arrumar meus cabelos, gosto de flertar na praça, quando dá... Eu sou moderna. Eu não quero nada impossível! Eu sou romântica. Eu adoro gente romântica. Homem prá mim tem que ser romântico, senão não é homem.

VALENTE/ E o Elvis Presley? O Elvis Presley é possível? *(Pausa)*.

ISABEL/ Você sempre acha um jeito! Você tem sempre que achar um jeito!

Primeira Versão da volta de Davi do Seminário

(Davi está de batina branca. A família assiste-o. Estão presentes as duas figuras do botequim: Seu Guilherme e Dona Efigênia).

NEUZINHA/ Ficava bonito... Ficava muito bonito.

ISABEL/ Você disse que ser padre é antigo.

NEUZINHA/ Antigo é. Mas ficava bonito no Davi. Uma graça.

EFIGÊNIA/ Mas padre usa batina branca?

ADÉLIA/ Usa. Hoje em dia usa de todas as cores.

PEDRO/ Bispo usa até vermelha, não usa?

ADÉLIA/ Vermelha eu nunca vi. Já vi roxa.

PEDRO/ Eu já vi bispo de vermelha.

EFIGÊNIA/ Eu nunca vi, seu Pedro. Nem branca. Essa é a primeira vez.

ROSÁRIO/ *(Apalpa a batina)*. É de linho.

DAVI/ De linho. *(Rosário continua apalpando)*.

S. GUILHERME/ Mas não é prático, é prático?

QUINCAS/ Além de não ser prático, chama a maior atenção na rua.

EFIGÊNIA/ Mas é bonito. Branca assim eu acho muito bonito.

QUINCAS/ Bonito assim para por e tirar dentro de casa. Prá ficar usando não dá.

ISABEL/ Eu por exemplo, não saía com o Davi na rua assim de batina.

NEUZINHA/ Eu saía. Não vejo nada demais. Nesse ponto não.

EFIGÊNIA/ Eu também saía.

ADÉLIA/ Eu saía.

ROSÁRIO/ Eu também saía.

ISABEL/ Eu não saía.

VALENTE/ Eu saía.

ISABEL/ Mas você é um caso aparte.

VALENTE/ Estou dizendo que eu saía com a batina. Vestido com a batina.

ISABEL/ Então sai. Quero ver.

VALENTE/ Você empresta, Davi?

ISABEL/ Empresta, Davi. Empresta. Hoje tem procissão de "Corpus Christi". Eu quero ver você na procissão vestido assim. Quero ver. Vai.

(Davi tira a batina e Valente veste).

NEUZINHA/ *(Olhando Davi sem batina)* Mas êle fica outra coisa sem batina! Outra coisa!

EFIGÊNIA/ Eu prefiro de batina...

ADÉLIA/ Eu também prefiro.

ISABEL/ Imagina. Eu acho muito mais preferível sem batina.

VALENTE/ Não se diz "mais preferível". Preferível já significa que é mais.

(Êles olham para Valente que desfila com a batina)

ISABEL/ Que horror! Acho que fica um horror em você.

NEUZINHA/ No outro eu acho melhor.

EFIGÊNIA/ Nos dois fica bonito.

VALENTE/ *(Para Adélia)* Em quem a senhora prefere, mãe?
(Pausa) Nele ou em mim?

QUINCAS/ Nos dois fica muito ruim.

ADÉLIA/ Eu acho bonito tanto num como noutro.

ISABEL/ Então sai. Quero ver.

VALENTE/ Então ciau.

(Sai. Os sinos começam a bater, todos correm à porta e ficam olhando, menos Pedro e Davi)

PEDRO/ Então veio embora?

DAVI/ Vim embora.

PEDRO/ Você tá na sua casa. É tudo teu. Não fica preocupado. Você tá na sua casa.

(Os sinos continuam batendo)

Elvis Presley

(Adélia está vestida para ir à igreja e sai com Rosário. Isabel está toda arrumada pra sair também)

ADÉLIA/ Isabel, vê se cuida direito do bar. Não deixa seu pai ficar bebendo e atende os fregueses direito. Eu vou a missa vespertina com Rosário e volto logo.

ISABEL/ Vê se volta logo que eu vou ao cinema com Téco.

ADÉLIA/ Você só fala neste mecânico dia e noite.

ISABEL/ Tem alguma coisa demais?

ADÉLIA/ Não deixa êsse rádio tão alto que isso espanta a freguesia.

ISABEL/ Ai! Mãe, que mais? que mais? que mais? *(Adélia sai com Rosário. Isabel canta uma música da época, suspira e fica olhando-se na frente do espelho)* Impossível também não é, quem disse que é? Êle pode aparecer aí, sei lá, vindo dos Estados Unidos, afinal o Elvis é americano. *(Ela encena, esperando do outro lado do balcão)* Daí, por milagre, êle apareceu e eu estou sòzinha aqui no bar, claro, graças ao bom Deus que todo mundo saiu e o bar hoje fi-

cou por minha conta, e graças a Deus que não vai aparecer mais ninguém e, mesmo que aparecer eu digo que não tem mais nada, que já fechou e fim! *(Elvis Presley entra, se possível montado numa lambretta, e no estilo blusão preto. Silêncio. Êle senta-se à mesa, muito seguro, e sem dizer nada). Êle fala inglês? Ai! e agora, meu Deus? Êle fala português! As coisas principais qualquer um sabe falar em qualquer língua. (Silêncio) Eu é que começo. Eu pergunto: que você bebe? Daí êle responde:*

ELVIS/ Coca-cola.

ISABEL/ Serve Pepsi?

ELVIS/ Coca.

ISABEL/ Pepsi! *(Leva uma garrafa de Pepsi até a mesa onde êle está)* E eu sento perto dêle ou não? Eu sento na outra mesa, lógico. E fico. Assim. De livre e difícil ao mesmo tempo. Porque eu sou assim: livre e difícil. *(Êle oferece cigarros americanos)* Ai! Meu Deus, eu aceito ou não? Claro que eu aceito, eu tenho que deixar bem claro que eu sou moderna. *(Ela pega um cigarro. Êles fumam em silêncio)*

ELVIS/ Quantos anos você tem?

ISABEL/ Adivinha.

ELVIS/ Dezesseis.

ISABEL/ Quase.

ELVIS/ Não estou escutando, vem falar aqui perto de mim que eu não escuto com essa distância...

ISABEL/ Nojento! Mas imagina se eu também são tão difícil assim! Eu vou e sento em cima da mesa, bem assim. *(Senta-se em cima da mesa onde êle está com segurança)*

ELVIS/ Quer casar comigo?

ISABEL/ Tira a mão de mim que minha mãe foi na igreja e pode chegar a qualquer hora. E eu tenho três irmãos. Três. *(Êle tira a mão. Ela, arrependida:)* Eu devia dizer que tenho três irmãos?

ELVIS/ Se você casar comigo eu te ensino a falar inglês.

ISABEL/ Então fala para eu ver, fala.

ELVIS/ Se você casar comigo.

ISABEL/ Quando?

ELVIS/ Agora.

ISABEL/ Aonde?

ELVIS/ Aqui!

ISABEL/ Aqui? *(Longa Pausa)* Mas você não me ama!

ELVIS/ I love you

ISABEL/ Você mente como respira!

ELVIS/ I love you!

ISABEL/ *(Olha o oratório, que está no botequim, e se detém)*. Se eu perder esta chance, nunca mais na vida.

ELVIS/ Came on, gatinha, came on!

ISABEL/ Então diz que você me ama.

ELVIS/ I love you

ISABEL/ Cínico!

ELVIS/ I love you... *(Eles se olham)* Mas se eu estou dizendo I love you!

ISABEL/ Então repete com toda convicção.

ELVIS/ Com toda convicção: I love you! *(Ele puxa-a para frente)* Vem, medrosa, eu te amo... I love you... Você está linda hoje!

ISABEL/ Mas eu não tenho medo...

ELVIS/ Vem, menina, vem...

("O Sole Mio", de Elvis Presley, entre em Play Back, enquanto a cena se desenvolve)

ISABEL/ I love you... Nunca pensei, nunca esperei, nunca... que um dia, uma tarde de sábado... hoje... nunca

pensei que podia sair, de dentro do meu rádio, pra dizer olhando pra mim: I love you... Você foi a primeira pessoa na vida que me disse I love you... *(Ela retira a toalha, que está no oratório, e envolve-o na toalha)*.

ELVIS/ Você tem um perfume de igreja, minha ^{caipirinha} ~~(indiazinha)~~.

ISABEL/ Teu olho tem estrelas e astros dentro!

ELVIS/ Que mais?

ISABEL/ Diz meu nome, diz.

ELVIS/ Isabel... *(Tira a camisa)* Não foge de mim, criança... Vem...

ISABEL/ Minas...

ELVIS/ Quem é Minas?

ISABEL/ Ninguém...

ELVIS/ Me conta teu segredo... Qual é teu segredo?

ISABEL/ Minas. Adivinha.

ELVIS/ Não sei.

ISABEL/ Eu te amei tanto.

ELVIS/ Porque você diz "amei"?

ISABEL/ Quando eu queria sair de Minas e não sabia como... Como se eu fosse uma estrela caindo do céu, longe, longe... Então eu imaginava você vindo, como eu te imaginava...

ELVIS/ Porque você diz "imaginava"?

ISABEL/ E então você dizia I love you...

ELVIS/ I love you...

ISABEL/ E você diz I love you e eu dizia I love you e eu digo I love you I love you I love you! *(Ele desaparece dentro da toalha enquanto ela procura-o com as mãos)* I love you I love you I love you *(Depois ela se levanta com a toalha marcada de sangue)* I love you I love you

Quincas e Neuzinha vão-se embora

(Neuzinha e Quincas estão numa das mesas do botequim. Quincas joga cartas em cima da mesa, Neuzinha fuma um cigarro. Davi joga com Quincas. Pedro bebe com seu Guilherme, no balcão, êle dum lado, seu Guilherme do outro. Adélia conversa com dona Efigênia, que carrega um pão debaixo do braço e um litro de leite. Rosário contempla uma caixa de papelão colorida, onde ela coleciona um anel de brilhante e o cordão que o Valente ganhou em Minas. Isabel e Valente saíram)

QUINCAS/ Hoje eu estou com sorte. Quase canastra.

NEUZINHA/ *(Olhando o jogo)* De ouro, olha só, irmão!

QUINCAS/ Só falta o coringa. O ás eu tenho na mão prá bater.

NEUZINHA/ De coringa fica lindo, irmão...

QUINCAS/ O trem sai que horas?

NEUZINHA/ Às seis.

QUINCAS/ Então já estamos marcando?

NEUZINHA/ Tenta a real, tenta a real, antes.

(Davi está só com uma carta na mão. Êle compra no monte e sai o coringa)

DAVI/ O coringa!

NEUZINHA/ Mas êle ainda não pegou o morto. Tem que pegar o morto antes.

DAVI/ E eu não posso fazer nada... *(Êle mostra o jogo)* Aqui já tá sujo... Aqui também já tá sujo... Ou pode bater direto pra pegar o morto? Pode?

NEUZINHA/ Quais as regras que vocês combinaram antes?

DAVI/ Foi combinado alguma regra?

QUINCAS/ Não foi combinado regra nenhuma.

NEUZINHA/ Então como é que vai ficar? Tamos marcando, irmão, tamos marcando! Tá em cima da hora! *(Seu Guilherme se aproxima e interrompe)*

SEU GUILHERME/ Eu, se eu tivesse a idade de vocês, se eu tivesse tempo ainda, se eu tivesse tido chance... Também não tive chance!

NEUZINHA/ E quem é que teve, seu Guilherme? Quem é que teve?

SEU GUILHERME/ Aí é que está o xis do problema: quem é que teve?

NEUZINHA/ O meu irmão tá tendo uma nesse minuto, como é que ficou resolvida a transa, irmão?

DAVI/ Eu te dou o coringa de ouro.

QUINCAS/ *(Se levantando)* Real, irmão, Real. De ouro!

SEU GUILHERME/ Pra onde vocês estão indo?

NEUZINHA/ Pra onde, irmão?

QUINCAS/ Onde tem mar. Vamos começar pelo mar.

NEUZINHA/ E vamos como?

QUINCAS/ Voando.

Seu Guilherme

(Seu Guilherme e Seu Pedro. Adélia e Dona Efigênia, mais Rosário.)

SEU GUILHERME/ *(Para seu Pedro)* Minha religião é o Kardec. Desaconselha o álcool. Mas eu... O Sr. entende, Seu Pedro, eu não tenho nenhum filho pra criar, como o Sr. Eu tenho a aposentadoria da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, que é uma miséria, mas pra mim dá. E eu vou fazer o que como êsse dinheiro, se não bebo? Eu vou comprar roupa? Não, eu já passei essa fase... O Sr. ainda pensa em roupa, Seu Pedro?

PEDRO/ Eu também já passei essa fase, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME/ Me diz uma coisa, Seu Pedro. O Sr. é católico, não é?

PEDRO/ Sou.

SEU GUILHERME/ E católico bebe?

PEDRO/ Bebe.

SEU GUILHERME/ Pois eu devia ter-me batizado católico... Em compensação católico não reincarna, reincarna?

PEDRO/ Eu não entendo dêsses assuntos, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME/ Espírita reincarna! Mas eu sou viciado! Já vou fazer setenta anos e desde os vinte que todo dia, todo santo dia, eu deixo de beber. Daí me dá vontade e eu penso: "Se bebe morre, se não bebe morre", e eu bebo. Na próxima encarnação eu vou nascer bicho, disso eu tenho certeza. Nessa eu já perdi a chance. Então eu aproveito pra fazer tudo numa vez, tudo! e deixo a melhora pra próxima... Qual a sua opinião, Seu Pedro?

PEDRO/ Eu não tenho opinião, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME/ Eu bebo... Eu bebo porque eu até gosto de sentir o fígado pesando, vômitos de manhã, enjôo na hora de escovar os dentes... Eu até gosto! Isso é o vício: é gostar do veneno. Porque eu gosto do veneno! Não sei. Nasci bêbado e vou morrer bêbado! Mesmo sabendo que vou voltar como bicho, como por exemplo uma lagartixa, o Sr. conhece animal mais feio do que uma lagartixa, Seu Pedro? Eu não conheço. Ou como vira-lata, que vive comendo lixo e levando porrada na rua, sem lugar pra dormir, pra ficar, pra comer, jogado fora de vez. E que no fundo é manso. É manso ou não é manso. Não pode ser manso. Como é que pode? *(Longa pausa)* Me dá mais pinga, Seu Pedro.

ADÉLIA/ *(Interferindo)* Acabou, Seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME/ Ora, Dona Adélia, eu não estou bêbado. Olha aí, eu consigo fazer um quatro. *(Ele faz um quatro com as pernas e quase cai)*

ADÉLIA/ Eu disse que acabou, seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME/ Mas Dona Adélia...

ADÉLIA/ Não insiste, Seu Guilherme. Eu disse que acabou!

SEU GUILHERME/ Seu Pedro, me serve aí só mais uma... só mais umazinha...

PEDRO/ Deixa pra amanhã, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME/ Ora, Seu Pedro, bobagem! Que amanhã! Amanhã a gente já pode estar noutra! Mais umazinha...

PEDRO/ Mais umazinha! *(Os dois bebem depressa e escondido. Pausa)*

SEU GUILHERME/ Às vezes eu penso também que o Kardec, Seu Pedro... Às vezes me passa também que se vive uma vez só e pronto... Qual é a sua opinião, Seu Pedro?

PEDRO/ Eu não tenho opinião, Seu Guilherme.

SEU GUILHERME/ Eu vi coisa demais na minha vida, Seu Pedro! E foi embaralhando tudo... embaralhando tudo... e de vez em quando eu pergunto: Será que isso tudo tem relação? Será que existe alguma ordem que liga isso tudo? Algum fio? Será? Existe alguma relação, Seu Pedro?

PEDRO/ É difícil, Seu Guilherme. Difícil.

SEU GUILHERME/ Pra nós que somos músicos tem. Tem ou não tem, Seu Pedro?

PEDRO/ Tem. Tem e não tem.

SEU GUILHERME/ É. Porque a gente toca no método "Gianini", que tem a clave de sol e a clave de fá, se não me engano. Mas quem foi esse "Gianini"? Um homem. Foi ou não foi, Seu Pedro? Foi homem! Não pode ter então quinhentas mil outras maneiras de tocar a mesma música? Tem. Só não tem porque ninguém inventa outra. E porque já jogam o "Gianini" na cara da gente, desde que a gente começa a mexer com música, e daí a gente passa o resto da vida achando que falou "Gianini" tá falado, quando não tá falado! Tenho razão ou não tenho, Seu Pedro? Põe mais uma, Seu Pedro! A última!

PEDRO/ A última! Se bebe morre, se não bebe, morre! *(Os dois bebem rindo)*

Efigênia

(Cena montada sobre a partida de Quincas e Neuzinha.)
Efigênia e Dona Adélia. Adélia se vestindo para ir à missa com Rosário)

EFIGÊNIA/ O apelido dêle era Blak Dog. Êle não era mole não, Dona Adélia. Uma barra pesadíssima, a senhora nem calcula.

ADÉLIA/ Calculo.

EFIGÊNIA/ Aí um dia êle me disse: "Vou-me embora. Pintou sujeira por cima de mim." Aí eu não pensei duas vêzes e eu disse: "Eu vou junto". Êle disse: "Você espera." E sumiu. Eu fiquei esperando.

ADÉLIA/ Então um dia volta.

EFIGÊNIA/ Nem notícia. Exalou, como um cheiro. (Pausa) Uma noite eu disse: "Vou ver como êle está". Aí eu enchi um copo d'água e coloquei perto dos meus santos e acendi vela. Daí eu rezei minhas orações e olhei dentro do copo. Tinha primeiro uma estrada. Uma estrada que vai indo, que vai indo, dentro duma tarde, com carneirinhos. Não tem carro, não tem barulho, não tem nada. Só os carneirinhos indo, pela estrada.

ADÉLIA/ Então quer dizer que tá tudo às mil maravilhas.

EFIGÊNIA/ Depois tinha um campo sêco, do lado da estrada. Um campo sêco, feio, faltava a vida, como se fôsse o inferno: Com o Diabo, a senhora me perdoa a palavra, mas existe Dona Adélia, pelo menos eu acredito.

(Rosário faz o nome do Padre)

ADÉLIA/ Bate na bôca, criatura, bate na bôca. Inferno, se existe, é aqui mesmo.

EFIGÊNIA/ Êle era moreno, magro, alto. De Gêmeos. Parecia um príncipe. Não abria a bôca prá nada. A única coisa que uma vez êle disse foi isso: "Se o mundo não é bom, faça o seu." E êle fazia o dêle, sem incomodar ninguém.

ADÉLIA/ Cada um é independente. Eu vejo os meus. As asas apumadas, a idéia acesa. Se eu pudesse eu parava o vôo, com um grito. Mas já não está mais em mim. Então eu digo: "Vai", de ôlho fechado. E quando eu abro o ôlho ainda não foram. Seja o que tem que ser. Não vou fazer drama, isso não. (Ela se volta para Seu Guilherme) Acabou, Seu Guilherme, por hoje acabou!

SEU GUILHERME/ Mas eu não estou bêbado, Dona Adélia, olha aí, eu consigo até fazer um quatro.

ADÉLIA/ Eu disse que acabou, Seu Guilherme. Por hoje acabou!

SEU GUILHERME/ Mas Dona Adélia...

ADÉLIA/ Não insiste, Seu Guilherme! Por hoje acabou!

SEU GUILHERME/ Me crucifica, Dona Adélia, me crucifica! Nasci pra Cristo, pode me crucificar!

Quincas e Neuzinha vão-se embora, II

NEUZINHA/ Tem que ir inteiro, meu irmão. Não tem que deixar nada atrás. O que ficou pra trás já era. E não tem lágrima.

QUINCAS/ Mamãe.

NEUZINHA/ Do lado de fora desta rua eu sou a tua mãe. Eu vou te dar cinco caras, uma em cada continente. (Coloca um brinco na orelha de Quincas)

QUINCAS/ Papai.

NEUZINHA/ Do lado de fora desta rua você é meu pai. Do lado de fora desta rua você é um homem.

QUINCAS/ Cigana.

NEUZINHA/ Cigano. Vem.

QUINCAS/ E vamos como?

NEUZINHA/ Ora, vamos como! Em cima das pernas, mano! (Saem)

Segunda Versão da Volta de Davi do Convento

(Isabel dança com uma saia de linho branca, feita da batina de Davi. Valente lê um livro, deitado no chão. Rosário vagueia).

ISABEL/ Você viu a saia que deu a batina do Davi?

VALENTE/ Não sei o que êle veio fazer aqui.

ISABEL/ Como se você soubesse.

VALENTE/ Mas eu já me acostumei.

ISABEL/ Coitado! Êle anda que anda, olhando... olhando... calado... Me dá aflição, mas eu vou dizer o que prá êle?

VALENTE/ Não diz nada, então. Deixa êle. Quem sabe se êle ainda descobre alguma novidade nesta cidade. Porque eu já esgotei.

ISABEL/ Vou te ser sincera: eu acho o Davi mais bonito que você.

VALENTE/ Em compensação eu vou-me embora.

ISABEL/ Então vai. A porta está aberta, a rua está aberta. É só ir.

VALENTE/ Você está grávida? *(Isabel pára de dançar)*

ISABEL/ Imagina se vou estar grávida, menino!

VALENTE/ E não podia? *(Silêncio. Valente volta a ler o livro. Fechando o livro:)* Hoje eu estou sentindo calor, falta de ar, mau humor, claustrofobia. Sabe o que quer dizer claustrofobia?

ISABEL/ Não sei, nem quero saber, tenho raiva de quem sabe.

(Silêncio. Valente se levanta e fica olhando para Rosário)

ROSÁRIO/ Que foi?

VALENTE/ *(Passando a mão no rosto dela)* Ri.

ROSÁRIO/ Mas eu não quero rir.

VALENTE/ Ri. Eu vou fazer gracinha e você vai rir. *(Êle canta Bye Bye Love pra ela até ela rir).* Pronto. Ri.

ISABEL/ Como você é chato, menino!

VALENTE/ Agora é você.

ISABEL/ Não enche.

VALENTE/ Tem que rir. Anda, ri!

ISABEL/ *(Puxando os dois lados da boca com as mãos)* Nem fazendo assim, tá vendo? Nem fazendo assim.

VALENTE/ Sabe quem que você parece? Você parece a Natalie Wood...

ISABEL/ Não acho a menor graça.

VALENTE/ Se você não rir eu não saio da sua frente, pronto.

ISABEL/ Se você soubesse como você é chato...

VALENTE/ Pronto, riu...

ISABEL/ Como você é chato!

VALENTE/ Agora vamos fazer outro jôgo. Eu digo um nome de filme, em inglês e você diz outro.

ISABEL/ Não sei nome de filme nenhum em inglês.

VALENTE/ Vou começar: "Rebel without cause".

ISABEL/ Pode parar, que êsse filme é o único que eu sei em inglês. *(Silêncio).* Sabe uma história que o Davi me contou que eu fiquei gelada? Que vem vindo um planêta de encontro à terra, diz que saiu até no jornal. Diz que o planêta vai ser explodido pelos Estados Unidos, mas a explosão vai mudar o eixo da terra e aí vai mudar tudo. O que é Norte vira Sul e tem lugar que vai desaparecer. Você já pensou se êsse planêta vem mesmo?

O Império Secreto

(De noite no botequim. Valente encena-se, pintando-se com sangue feito de tinta, e Davi está a seu lado)

VALENTE/ Uma vez eu disse: eu também vou pro Convento. Quero ser um monge. Aí eu pensei: "Se eu fôr eles vão dizer que é por causa do Davi. Depois o Davi sai e eu não posso sair porque vão dizer: o Valente saiu só porque o Davi saiu". No fundo era covardia. Começou como covardia. Então você escreveu uma carta e eu disse: "A carta que eu queria escrever!" E eu comecei a escrever cartas pra pessoas imaginárias, como se eu fôsse o Monge, o Iluminado, o Santo. Mas eu não era o Huminado. Eu brincava, como uma criança obcecada, que recebeu uma flecha e saiu sangue. Aí mudou tudo. Aí inventei de ser um Imperador Azteca, e eu me sagrei descendente imaginário do Rei Sol, eu era magnânimo, generoso, eu compreendia todos os meus servos, a minha côrte, eu dava tudo que fazia cada um em particular feliz e eu sabia o que é que cada um deles queria, e era tudo representação. Meu reino era um teatro alegre, campestre. Era a Eterna Adolescência. Tinha enigmas, tinha demônios de mentira mas eu fazia questão da legenda. Cada pessoa mantinha uma cumplicidade de olho e de traje uma com a outra. E tinha rituais, que no fundo eram exorcismos, mas a gente não dizia. Eramos um Império Secreto. Fazíamos da mendicância o nosso luxo. Eu deslizava em cima das águas como uma gaivota teleguiada. *(Pausa)* Aí você apareceu de nôvo. Bastou você botar o pé dentro desse botequim pro meu reino partir. Eu ainda chamei o meu reinado, eu disse "fica, fica...", mas ele foi-se embora, e levou pontes, pedras preciosas, minhas princesas indígenas, rituais... eu fui abrindo os olhos, fui abrindo os olhos... e vi. Eu não precisava mais do meu Império Secreto. *(Valente passa tinta no rosto de Davi)*. Assim você fica parecendo o James Dean.

Fuga de Valente

(Isabel está vestindo Valente, que vai fugir de casa, de noite, depois que todos forem dormir)

VALENTE/ Sombra no olho não...

ISABEL/ Claro, idiota, disfarçado... Não dá nem pra perceber.

VALENTE/ Se eu fôr com a tua blusa, e você depois?

ISABEL/ Eu pego mais dinheiro na gaveta e compro outra...

VALENTE/ Eu te mando uma de presente, então.

ISABEL/ Só me escreve uma carta contando, ouviu? Eu vou ficar esperando essa carta a minha vida inteira.

VALENTE/ Você só conta pra eles amanhã. Não vai contar antes!

ISABEL/ Eu nem consigo acreditar que você vai mesmo, Valente... *(Pausa)*. Você ficou lindo! Um príncipe!

VALENTE/ Você já sabe o que quer da tua vida?

ISABEL/ E adianta saber?

VALENTE/ *(Volta a se olhar dentro do espelho)*. Fiquei uma boneca. Você acha que vai dar certo, Isabel?

ISABEL/ A gente não pensa essas coisas. Essas coisas a gente nem pergunta.

VALENTE/ Então me diz: "Vai". Eu preciso de alguém que me diga: "Vai". *(Eles se abraçam. Isabel se desfaz dele)*.

ISABEL/ Eu nunca vou te esquecer, nunca!

VALENTE/ Você jura que não vai me esquecer nunca?

ISABEL/ Vai. Anda, vai! *(Ela tira o colar, dado pela índia; e coloca nele)*. E bota esse colar que você ganhou em Minas. Pronto, agora você tá um Imperador Azteca!

VALENTE/ Então ciao, Isabel.

ISABEL/ Ciau!

(Bye Bye Love)

Rosário

(Rosário está sôzinha, perto do balcão. Seu Guilherme dorme, numa mesa. Isabel espera, debruçada sôzinha numa outra mesa. A cena é silenciosa, longa. Davi se aproxima.)

olha para esse mundo sem palavras, delirante. Rosário olha um anel de brilhante, que ela tem no dedo. Até que Davi derruba um copo).

ROSÁRIO/ Davi?

DAVI/ Sou eu.

ROSÁRIO/ Que susto! (Longa pausa. Isabel suspira).

ISABEL/ Pôrra!

ROSÁRIO/ Que horror, Isabel!

ISABEL/ Pôrra mesmo!

ROSÁRIO/ Se êle falou que escreve é porque escreve.

ISABEL/ E eu estou esperando a carta dêle? Eu estou pensando na minha vida! Que que você acha de eu me casar com o Téco, Davi?

ROSÁRIO/ Mas isso quem sabe é você, menina... (Isabel suspira de nôvo).

ISABEL/ Êle é pobre, eu também sou pobre. Êle gosta de mim mas e eu, gosto dêle? Ai, como eu detesto ficar na dúvida! Ai, eu vou ficar paranóica! (Ela se levanta e fica na porta, esperando. Davi fica olhando pra Rosário).

DAVI/ Onde você arrumou esse anel?

ROSÁRIO/ Era da minha madrinha. Ela me deu em Minas, no dia de minha primeira comunhão. (Pausa) É azul ou é maravilha?

DAVI/ Azul.

ROSÁRIO/ Porque tem hora que é maravilha.

DAVI/ Então você vê. (Rosário não diz nada). Eu, você me vê?

ROSÁRIO/ O vulto.

DAVI/ Que mais que você vê?

ROSÁRIO/ Gente de casa eu conheço, quando chega.

DAVI/ E gente de fora?

ROSÁRIO/ Gente de fora, às vêzes. (Pausa)

DAVI/ Você vê ou você conhece?

ISABEL/ É interrogatório, é?

ROSÁRIO/ Isabel!

ISABEL/ Eu tenho que realizar que Elvis não existe. Elvis Presley foi uma invenção da minha cuca. Quem existe é o Téco. O Téco é que vem me pegar para ir ao cinema, o Téco é que passeia de moto comigo, o Téco trabalha e foi o Téco... (Ela põe a mão no ventre) Ai! acho que estou pagando todos os meus pecados! (Pausa) Davi, você teria um filho?

DAVI/ Acho que teria. Não sei.

ISABEL/ Ai! Nessas horas é que me falta o Valente! Ai! Acho que vou parar no hospício! Ai!

ROSÁRIO/ Meu Deus, que tanto suspira, menina!

ISABEL/ Se o Téco não aparecer eu me mato!

ROSÁRIO/ Ficou louca, Isabel!

ISABEL/ Me mato!

ROSÁRIO/ Não foi você mesma que disse que ia arrumar outro?

ISABEL/ Me mato! Juro que me mato!

DAVI/ Então espera, que êle já vem vindo.

Téco

(Teco entra, montado na moto)

ISABEL/ (Enquanto Téco continua contando até sessenta) E se não der certo? Casamento é fria! Sempre me disseram que casamento é fria! Também se não der certo eu me separo, pôrra! Se não der certo eu saio prá outra, na hora! E se eu perder esta chance, me conhecendo como eu conheço, vão ser mais sete anos de azar! Eu tenho que resolver

é now! é now! é now! (*Ele termina de contar, pausa, eles se olham em pânico*). Pelo amor de Deus, Téco! Então só mais um minuto. Esse não valeu! Assim não, Téco! Assim não! Como é que eu posso resolver minha vida inteira num minuto? (*Ele para, ela para. Eles se olham, depois ele continua contando. Ele olha para ela e depois começa a contar mais um minuto. Ela corre, sai e volta vestida de noiva, com um buquê de flores na mão, e no que ele termina de contar, ela está montada atrás. Ele dá a partida e eles vão-se embora*).

Davi Espera

(*Em cena continuam Davi e Rosário. Seu Guilherme continua dormindo. Silêncio*).

ROSÁRIO/ Você também vai ou você fica?

DAVI/ Não sei... (*Ele olha prá Rosário, prá o botequim. Silêncio*). E se eu fôr-me embora, e vocês? (*Silêncio*). O papai, a mamãe, e você?

ROSÁRIO/ Mas se você ficar, você tem alguma coisa prá fazer aqui? Porque por mim não... Não sei o papai e a mamãe... Por mim eu não ligo. (*Ela volta a seus delírios, olhando o anel, e o botequim, com seu Guilherme dormindo, vai-se apagando ao redor de Davi*).

DAVID/ Eu tive o cálice de ouro na mão. De missas que não celebrei. A carne para comer e o sangue para beber. O pão branco, transparente, confeccionado, consumível. Eu vi, e eu acreditei, sem tocar, e houve o tempo que eu toquei: O VERBO QUE EU APRENDI ERA O VERBO HUMANO. Que não bastava na palavra. Nem tudo que passava do lado de fora era o sagrado, o que era contra minha vontade e contra minha natureza. Minha mão teve o ouro e eu vi o ouro escorrendo entre os dedos e não pude fazer nada, porque eu estava sozinho. Então do silêncio nasceu um som, do som um grito, até que as portas se abriram e de dentro das portas nasceu o VIAJANTE.

(*Grito de Rosário. A cena se ilumina e Pedro olha para Davi. Rosário abriu as portas do oratório e tirou de dentro a clarineta*).

A Herança

(*Rosário entrega a clarineta a Pedro*)

PEDRO/ (*Para Davi*) Fica com você.

DAVI/ Não vai tocar mais, papai?

PEDRO/ Todo mundo vai-se embora, então agora é minha vez.

(*De dentro do oratório surge a imagem de Jesus Cristo. Glorificado*).

Epílogo

A MORTE DE PEDRO FOGUETEIRO FOI NUM DOMINGO. ELES TODOS SAÍRAM PRA IR NA PROCISSÃO DE "CORPUS CHRISTI" E ÊLE FICOU, COM ROSÁRIO; AI ÊLE TOMOU UM BANHO, VESTIU UMA ROUPA NOVA E CALÇOU UM PAR DE SANDÁLIAS, FUMOU UM CIGARRO DE PALHA E FICOU ESPERANDO;

(Os filhos voltam, vestidos para a procissão "Corpus Christi" e vestem Pedro, que vai para a eternidade. Depois eles se retiram e fica Pedro sozinho, em cena, com Rosário. Do lado de fora vozes distantes de crianças, sinos, incenso. Ritual).

PEDRO/ Sua mãe botou as toalhas na janela?

ROSÁRIO/ Botou. *(Pedro coloca uma colcha de lã numa das janelas).*

PEDRO/ Deixa tudo aberto, não é melhor?

ROSÁRIO/ É melhor *(Pausa)* Faz tempo que o senhor não fala mais daquela clave, papai. Lembra?

PEDRO/ Você lembra como era?

ROSÁRIO/ Eu não entendia... mas eu achava bonito... Era... Era uma clave diferente, não era?

PEDRO/ E que mais?

ROSÁRIO/ Mas o Senhor não acabou, o Senhor acabou? *(Silêncio)* Era a clave de Minas, não era?

PEDRO/ E que mais?

ROSÁRIO/ E que mais? *(Silêncio)* Eu não entendia,, papai. Eu só me lembro que era de Minas. Só isso.

PEDRO/ Era só isso, Minas. (*Longo Silêncio*).

ROSÁRIO/ Me lembro que o vovô falava em inventar o avião, o senhor lembra. E o avião só precisa de piloto. Aí veio o Santos Dumont. Depois o tio falou que ia inventar o "Moto Contínuo". Agora o senhor com a clave de Minas.

PEDRO/ Você gostava?

ROSÁRIO/ Eu gostava. Eu achava bonito.

PEDRO/ Não tinha morte mais. Nunca mais ia precisar da morte. Era a salvação. Continuava tudo. Não acabava nunca mais. Era a esperança que tinha vindo. (*A voz de Isabel, do lado de fora, volta a cantar "Viajante viajante"*). Foi no dia que ficamos noivos. Então fomos fazer um piquenique. Atravessamos a água de canoa, e aí vieram as cinco gaivotas. Aí descemos no sertão e aí tinha sol. E o sol era do calor do ventre materno. Tinha grama, tinha vento, aí eu olhei pro rosto de Adélia e nos olhos começava a primeira nota. Aí ela dançou, com uma sombrinha côr de rosa. E eu me lembro que eu estava encostado numa rocha em forma de cálice, e a rocha era viva. A rocha respirava. E eu assistia Adélia dançando entre flores do campo, então ela veio prá mim, os cabelos soltos, as mãos abertas, o rosto iluminado, a carne iluminada, e nela começava a clave que eu estava procurando.

(*A Procissão de Corpus Christi entra, com banda, flôres, anjos, sinos tocando*).

Sumário

Primeira Parte

Era uma vez/ 11

Primeira visão de Pedro/ 12

A mudança/ 13

O Imperador Azteca/ 14

Rosário/ 15

Davi vai para o seminário/ 17

Neuzinha/ 18

Isabel e Valente/ 20

Carta de Davi/ 23

O Botequim/ 25

A Desistência/ 26

As Gaivotas/ 26

O Vôo/ 27